

FATORES EXPLICATIVOS DO CAPITAL SOCIAL EM TRÊS SDRs NO EXTREMO OESTE CATARINENSE

Revista ALCANCE

Eletrônica

ISSN: 1983-716X

Disponível em:

www.univali.br/periodicos

EXPLANATORY FACTORS OF SOCIAL CAPITAL IN THREE SDRS IN THE FAR WEST OF SANTA CATARINA

v. 21; n. 02

Abr./Jun.-2014

FACTORES EXPLICATIVOS DEL CAPITAL SOCIAL EN TRES SDRS EN EL EXTREMO OESTE CATARINENSE

Doi: alcance.v21n2.p208-233

Submetido em: 29/02/2012

Aprovado em: 04/06/2014

ALYNE SEHNEM¹

RESUMO

O conceito de capital social relacionado com o desenvolvimento econômico de regiões e países começou a ganhar importância na década de 1990 com o pesquisador Robert Putnam. O capital social é entendido como uma característica das organizações sociais e tem como principais elementos a confiança, as normas e as redes. O desenvolvimento dessa pesquisa inspirou-se inicialmente nas abordagens de Putnam e seu trabalho nas regiões da Itália. Essa pesquisa teve como objetivo explicar os resultados encontrados com a mensuração do capital social nas três Secretarias de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste de Estado de Santa Catarina (Itapiranga, São Miguel do Oeste e Dionísio Cerqueira). Para atingir o objetivo da pesquisa, desenvolveu-se uma pesquisa descritiva, com caráter quantitativo, utilizando o método de pesquisa do tipo *survey*. Os resultados obtidos pela mensuração passaram por tratamento estatístico, utilizando-se Análise Fatorial e Análise de Regressão. Observou-se, com base nos resultados da pesquisa, que as regiões com maiores estoques de capital social estão, ao mesmo tempo, melhorando seus indicadores socioeconômicos.

Palavras-chave: Capital Social. Desenvolvimento Local. Indicadores socioeconômicos. Secretarias de Desenvolvimento Regional de Santa Catarina. Itapiranga. São Miguel do Oeste. Dionísio Cerqueira.

ABSTRACT

The concept of social capital related to the economic development of regions and countries started to gain importance in the 1990s with researcher Robert Putnam. Social Capital is understood as a feature of social organizations, and its main elements are trust, norms and networks. The development of this research was initially inspired by the approaches of Putnam and his work in Italy. This research seeks to explain the results of the measurement

¹ Mestre, Universidade do Oeste de Santa Catarina, alyne_smo@yahoo.com.br.

of social capital in the three Departments of Regional Development in the Far West of the State of Santa Catarina (Itapiranga, São Miguel do Oeste and Dionisio Cerqueira). To achieve the research goal, a descriptive study was carried out, with a quantitative approach, using a survey as the research method. The results obtained in the measuring were submitted to statistical analysis, using Factor Analysis and Regression Analysis. Based on the results of the research, it was observed that the regions with higher stocks of social capital are, at the same time, improving their socioeconomic indicators.

Keywords: Social Capital. Local Development. Socioeconomic indicators. Regional Development Departments of Santa Catarina. Itapiranga. Sao Miguel do Oeste. Dionisio Cerqueira.

RESUMEN

El concepto de capital social relacionado al desarrollo económico de regiones y países empezó a ganar importancia en la década de 1990 con el investigador Robert Putnam. El capital social está entendido como una característica de las organizaciones sociales y tiene como principales elementos la confianza, las normas y las redes. El desarrollo de este estudio se inspiró inicialmente en los enfoques de Putnam y su trabajo en las regiones de Italia. Esta investigación tuvo como objetivo explicar los resultados encontrados con la mensuración del capital social en las tres Secretarías de Desarrollo Regional del Extremo Oeste del Estado de Santa Catarina (Itapiranga, São Miguel do Oeste y Dionísio Cerqueira). Para alcanzar el objetivo de la investigación se desarrolló un estudio descriptivo de carácter cuantitativo utilizando el método de investigación de tipo *survey*. Los resultados obtenidos por la mensuración pasaron por tratamiento estadístico utilizando Análisis Factorial y Análisis de Regresión. Se observó, en base a los resultados de la investigación, que las regiones con mayores estoques de capital social están, al mismo tiempo, mejorando sus indicadores socioeconómicos.

Palabras clave: Capital Social. Desarrollo Local. Indicadores Socioeconómicos. Secretarías de Desarrollo Regional de Santa Catarina. Itapiranga. São Miguel do Oeste. Dionísio Cerqueira.

INTRODUÇÃO

O conceito de capital social relacionado com o desenvolvimento econômico de regiões e países começou a ganhar importância na década de 1990 com a obra de Robert Putnam *Making Democracy Work: civic traditions in modern Italy*. Nessa obra, Putnam conceituou o capital social como característica da organização social, citando como exemplo confiança, normas e redes, que podem melhorar a eficiência da sociedade, facilitando ações coordenadas.

No trabalho realizado pelo autor durante duas décadas, constatou-se que a acumulação de capital social definiu o desenvolvimento da região norte da Itália. Por outro lado, a sua carência determinou o atraso econômico observado na região sul (PUTNAM; LEONADI; NANETTI, 2002).

O desenvolvimento do trabalho inspirou-se inicialmente nas abordagens de Putnam. A experiência catarinense de regionalização iniciada no Oeste do Estado baseou-se no modelo italiano. Outra inspiração para a elaboração desse trabalho foi encontrada nas pesquisas de Monastério (2002; 2003), desenvolvidas com base em Bandeira (1994) e Verschoore Filho (2000). Em suas pesquisas, Monastério (2002; 2003) relacionou indicadores de capital social com indicadores econômicos, a fim de explicar as desigualdades de desenvolvimento das regiões do estado do Rio Grande do Sul, com ênfase para a região Sul, conhecida como região da Campanha.

Foi utilizada nessa pesquisa a abordagem do capital social que, de acordo com Monastério (2002, p. 7), "exige dos pesquisadores posturas plurais e interdisciplinares", uma vez que um olhar restrito ao lado econômico limitaria o estudo a ocultar os elementos que se pretende compreender. Esses elementos se manifestam no contexto histórico cultural das regiões estudadas.

Diante destas constatações, objetivou-se explicar os resultados encontrados com a mensuração do capital social nas três Secretarias de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste de Estado de Santa Catarina (Itapiranga, São Miguel do Oeste e Dionísio Cerqueira).

O condicionamento do desenvolvimento às diferenças e à intensidade do capital social nas regiões é uma questão de debate em meios acadêmicos. Para Kliksberg (1999), a integração do capital social e a cultura nas discussões acerca do desenvolvimento transformam a discussão sobre as estratégias políticas mais complexas. Assim, o capital social pode ser entendido como um recurso produtivo à disposição dos indivíduos e com o qual é possível alcançar objetivos que, sem ele, não seriam acessíveis (ABRAMOVAY, 2000).

REFERENCIAL

CAPITAL SOCIAL

Os estudos sobre o tema capital social, no decorrer dos anos, são abordados por diferentes áreas de conhecimento, tais como a sociologia, as ciências políticas, a administração, a economia, buscando compreender as suas relações com o empreendedorismo, a economia social, os estudos regionais. Para Milani (2003), as redes de compromisso cívico, as normas de confiança mútua e a riqueza do tecido associativo são considerados fatores fundamentais do desenvolvimento local, tanto urbano quanto rural.

A difusão do conceito de capital social no meio acadêmico ocorreu devido à valorização das relações e das estruturas sociais no discurso político e na ótica econômica em introduzir uma dimensão normativa em sua análise; o reconhecimento dos recursos embutidos em estruturas e redes sociais não contabilizados por outras formas de capital; o ambiente político-econômico emergente que levou a

um reposicionamento dos papéis do Estado e da sociedade; a compreensão e a utilização transversal do termo capital social por diferentes disciplinas; e o potencial de alavancagem política do conceito (ALBAGLI; MACIEL, 2002).

Desde o princípio, o uso do conceito foi utilizado para elucidar uma gama de fenômenos sociais, no entanto, com o passar dos anos, os pesquisadores concentraram sua atenção não só no papel do capital social como influenciador do desenvolvimento do capital humano (COLEMAN, 1988), mas também sobre a sua influência no desenvolvimento das regiões geográficas (PUTNAM; LEONARDI; NANETTI, 2002) e também no desenvolvimento das nações (FUKUYAMA, 2000).

Na Figura 1 estão elencados os principais conceitos de capital social no decorrer dos anos.

Figura 1: Utilização do conceito de capital social no decorrer dos anos

1830	Alexis de Tocqueville	Observou um contraste entre a França e os EUA. Americanos formam associações. Possuem liberdade de imprensa, associações voluntárias e práticas de igualdade.
1916	Lyda Judson Hanifan	A comunidade se beneficiaria da cooperação de todos e quando as pessoas criam o hábito de se relacionar, por razões sociais, de lazer e econômicas, esse "capital social", ou seja, essa rede de relações pode ser dirigida para o bem-estar da comunidade.
1950	John Seeley	Capital social assinala como o pertencimento de moradores suburbanos a certos clubes e associações facilitava o acesso a outros bens e a direitos, ainda que simbólicos.
1960	Jane Jacobs	Enfatizar a importância de redes informais de sociabilidade nas grandes metrópoles e para demonstrar como sólidas redes sociais em áreas urbanas de uso misto constituíam uma forma de capital social que encorajava a segurança pública.
1970	Glenn Loury Ivan Light	Capital social foi utilizado para analisar o desenvolvimento econômico em áreas centrais das grandes cidades americanas.
1980	Ekkehart Schlicht	Utilizou o conceito para sublinhar a importância que a organização social e a ordem moral têm para o desempenho da economia.
1980	Pierre Bourdieu	Agregador de recursos, reais ou potenciais, que possibilitavam o pertencimento duradouro a determinados grupos e instituições.
1980	James Coleman	Normas sociais, como guias de ação para o indivíduo, como expectativas que expressam se nossas ações estão certas ou erradas.
1984	Albert Hirshman	Capital social é aquele que aumenta dependendo da intensidade de seu uso, no sentido de que praticar cooperação e confiança produz mais cooperação e confiança, logo, mais prosperidade.
1990	Banco Mundial	O capital social constitui numa cola que mantém as instituições em contato entre si e as vincula ao cidadão, visando à produção do bem comum.
1990	Robert Putnam	Debate sobre o papel do capital social e da sociedade civil na Itália e nos Estados Unidos.
2000	Francis Fukuyama	Relações entre prosperidade econômica, cultura e capital social.

Fonte: Adaptado de Araujo (2003); Vale *et al.* (2006).

O termo capital social, como se pode observar na Figura 1, faz parte das pesquisas desde o início do século XIX. No entanto, somente a partir da década de 1990 o tema passou a receber maior destaque. Nessa época, o Banco Mundial começou a utilizar o conceito de capital social vinculado às questões relacionadas à pobreza, bem como à sua utilização no processo de avaliação dos projetos a ele submetidos. Para o Banco Mundial, o capital social e a cultura são as “chaves para o desenvolvimento”, logo seus projetos devem levar em consideração os valores sociais do meio onde será efetivado (ARAUJO, 2003).

TIPOS DE CAPITAL SOCIAL

O capital social é um ativo que facilita algumas formas de ação social e inibe outras. As relações sociais entre os membros de uma família e de uma comunidade revelam-se como um fator importante para o desenvolvimento do capital humano. Da mesma forma o capital social exerce influência para o desenvolvimento do capital intelectual (COLEMAN, 1988; NAHAPIET; GHOSHAL, 1997, 1998).

Diferentes tipos de capital social foram identificados pelos pesquisadores do tema: *bonding social capital* (união), *bridging social capital* (ponte) e *linking social capital* (ligação) (PASSEY; LYONS, 2006). Os tipos de capital social refletem os diferentes papéis que as redes podem desempenhar no desenvolvimento econômico de uma sociedade (SABATINI, 2008).

O ***bonding social capital*** refere-se às relações mais próximas dos indivíduos. É caracterizado pelos laços fortes existentes entre os grupos de pessoas que partilham valores semelhantes, como, por exemplo, nas relações entre familiares e amigos, pessoas mais próximas do círculo de convivência. Devido a essa proximidade, os indivíduos refletem semelhanças nos hábitos e nos comportamentos (MACKE; SARATE; VALLEJOS, 2009).

Para Crawford (2006), o tipo *bonding* do capital social destaca as relações entre grupos homogêneos, tais como membros da família e dos amigos próximos. Refere-se a o que Granovetter (1985) considera serem os laços fortes.

O ***bridging social capital*** representa a conexão existente entre os diferentes grupos, tais como os amigos dos amigos, sócios, conhecidos. Esse tipo de capital social descreve os laços horizontais das pessoas com grupos de diferentes origens (MACKE; SARATE; VALLEJOS, 2009). O termo *bridging* remete à capacidade dessas redes de criar “pontes”, ligando diferentes grupos sociais; entre as gerações; os grupos culturais, étnicos e religiosos que, de outra forma, dificilmente teriam entrado em contato (CAROLIS; SAPARITO, 2006; SABATINI, 2008). Este tipo de capital social tem efeitos positivos sobre a difusão das informações e da confiança, promovendo as operações e a atividade econômica (MACKE; SARATE; VALLEJOS, 2009).

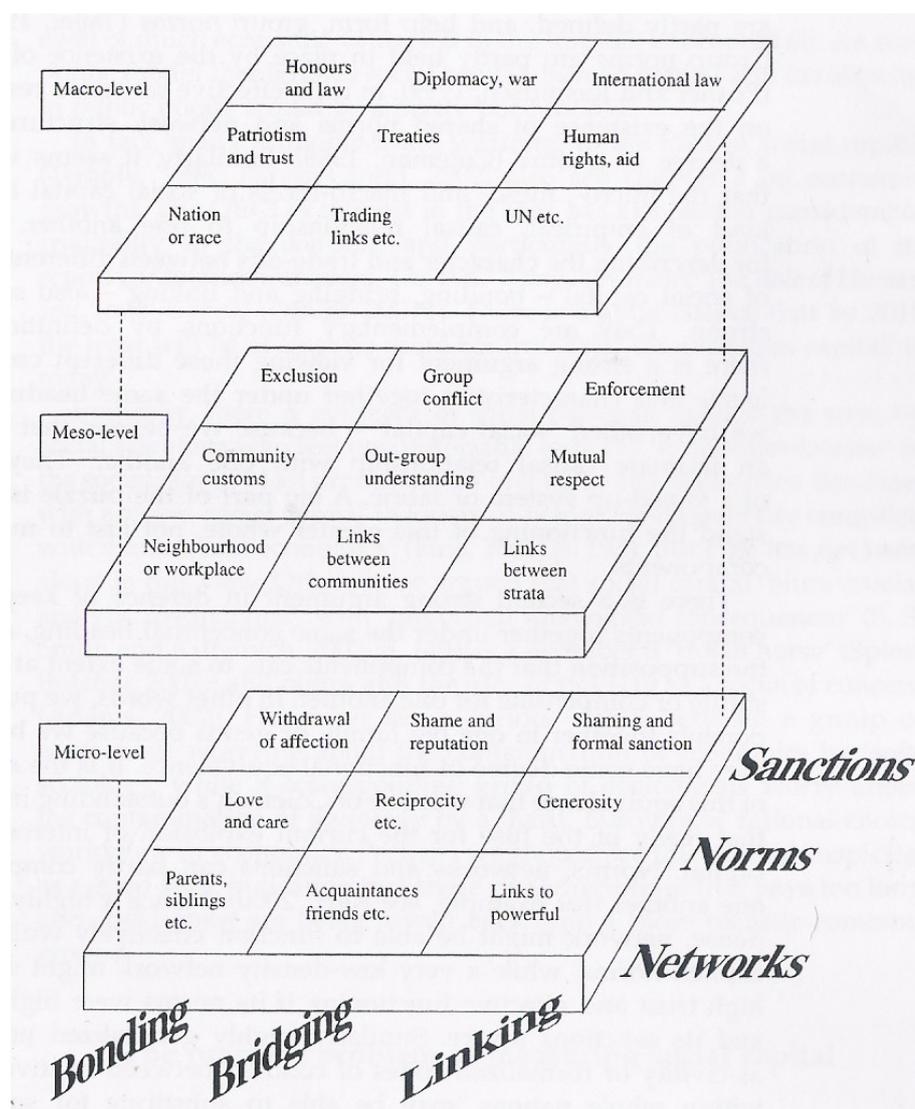
Por fim, o ***linking social capital*** refere-se à ligação existente entre os vínculos do capital social que conectam pessoas, ou o grupo a que pertencem; a pessoas ou

grupos em situação de poder político ou financeiro. Esse tipo de capital social é bom para acessar instituições formais, podendo fomentar a ligação intra e intergrupos do *bridging* (SABATINI, 2008; CRAWFORD, 2006; WEBB, 2008).

A revisão da literatura sobre capital social caracteriza o *bonding social capital* como uma "cola social" e o *bridging social capital* como o "óleo social". O *linking social capital* é incorporado pelos laços entre os indivíduos e as organizações, ocupando diferentes níveis de poder ou de *status*, que muitas vezes são mediados pelas instituições (PASSEY; LYONS, 2006; CAROLIS; SAPARITO, 2006).

O capital social, de acordo com David Halpern (2008), é constituído pelas redes sociais, normas e sanções que proporcionam as ações cooperativas entre os membros de uma comunidade. O autor destaca que as estruturas sociais facilitam a cooperação e a confiança entre os indivíduos, elementos chave do capital social. Enfatiza também que o controle da criminalidade e o incentivo à educação alavancam os estoques do capital social nas comunidades.

Figura 2: Matriz conceitual do capital social



Fonte: Halpern (2008, p. 27).

Conforme pode ser observado na Figura 2, Halpern (2008) trabalha com a existência de três dimensões transversais do capital social: **componentes, níveis de análise e funções**. Os **componentes** do capital social, que interagem, influenciam e reforçam-se mutuamente, consistem em redes (relações de interconexão entre os indivíduos), normas (regras, valores e expectativas que norteiam as relações sociais) e sanções (punições e recompensas). Essas dimensões foram consideradas na elaboração do instrumento de coleta de dados utilizado para realizar a mensuração do capital social nas três SDRs em estudo.

Os **níveis de análise** do capital social dividem-se em micro, meso e macro. No nível micro, o capital social é constituído pelos estreitos laços com a família e com os amigos. O nível meso caracteriza as comunidades e as organizações associativas e o nível macro do capital social refere-se às relações de nível estadual e nacional. Para o autor, existem equivalências funcionais entre os diferentes níveis, ou seja, a diminuição do capital social em um nível pode ser compensada pelo aumento em outro nível (HALPERN, 2008).

As principais **funções** do capital social para Halpern (2008) são conhecidas também como tipos de capital social: *bridging*, *bonding* e *linking*.

Para Halpern (2008), há inter-relação entre os três aspectos de cada dimensão (redes, normas e sanções; níveis micro, meso e macro; tipos *bridging*, *bonding* e *linking*), assim como há relação entre as três dimensões (componentes, níveis de análise e funções). Para o autor, o entendimento dessas inter-relações pode orientar melhor a análise do capital social.

Dessa forma, o autor percebe uma transformação do capital social, em que muitos estudiosos visualizam um declínio. Halpern (2008) reconhece que há um declínio em certas formas de capital social, no entanto, ele identifica um aumento em outras formas desse capital. Assim, o autor se mostra preocupado com as consequências que essas transformações podem causar, uma vez que afetam a prosperidade econômica, a saúde e o bem-estar, a criminalidade, a educação e a legitimidade do governo de diferentes formas.

MÉTODO

O instrumento de coleta de dados (questionário) utilizado neste estudo teve por objetivo gerar informações relacionadas ao tema capital social. Foi aplicado nos 18 municípios objeto de estudo no período de junho a agosto de 2010. Os questionários foram distribuídos observando a proporcionalidade referente ao número de habitantes, ao gênero e ao local de moradia.

A utilização do instrumento criado baseado na matriz do capital social de Halpern (2008), explicitado na Figura 2 (Matriz Conceitual do Capital Social), tem como intuito o aprimoramento e a adaptação desse instrumento à realidade brasileira. Prezou-se pela inclusão de afirmativas de características histórico-culturais da região em que

o questionário seria aplicado. Esse aspecto possibilitou um reflexo mais próximo da realidade dos municípios pesquisados.

Inicialmente, propôs-se a realização de uma *survey* com o intuito de mensurar o nível de capital social nos municípios de abrangências das três Secretarias de Desenvolvimento Regional, bem como fazer um levantamento dos indicadores socioeconômicos para corroborar na análise dos resultados encontrados. Posteriormente, foi realizada uma abordagem geral sobre os aspectos econômicos e sociais das Secretarias de Desenvolvimento Regional de Itapiranga, São Miguel do Oeste e Dionísio Cerqueira, a fim de explicar os cenários encontrados com base em fatos histórico-culturais (HAIR *et al.*, 2007).

A análise dos dados obtidos por meio da pesquisa foi realizada utilizando-se as seguintes técnicas descritas na seqüência deste projeto: análise fatorial e análise de regressão. Os resultados foram analisados por meio do cruzamento dos dados, utilizando o *software* SPSS (*Statistical Package of Social Science*), versão 17.0.

Por análise fatorial entende-se como a técnica utilizada para “sintetizar as informações de um grande número de variáveis em um número bem menor de variáveis e fatores” (HAIR *et al.*, 2007, p. 321). A análise de regressão, para Hair *et al.* (2007), talvez seja a técnica de análise de dados mais utilizada para a mensuração de relações lineares entre duas ou mais variáveis, bem como a força dessa relação. Essa análise é caracterizada como um “processo estatístico para analisar relações associativas entre uma variável dependente métrica e uma ou mais variáveis independentes” (MALHOTRA, 2007, p. 459). Análise de variância (ANOVA) é um teste realizado para avaliar as diferenças estatísticas existentes entre as médias de dois ou mais grupos (HAIR *et al.*, 2007). Com essa técnica é possível verificar se há diferença entre as médias dos grupos, no entanto, não identifica onde estão essas diferenças.

Para a obtenção do número de questionários que deveriam ser aplicados nos municípios abrangidos pelas Secretarias de Desenvolvimento Regional de Itapiranga, São Miguel do Oeste e Dionísio Cerqueira, foram utilizados os dados referentes à contagem da população, realizada pelo IBGE no ano de 2007, que determina o número de habitantes de cada município e a sua discriminação por gênero. Na Tabela 1, descreve-se a distribuição desta população nos municípios e a amostra considerada indicada para a aplicação do questionário da pesquisa.

Tabela 1: Distribuição da população das regiões e amostra pesquisada

Municípios	População recenseada, por gênero			AMOSTRA TOTAL 400 questionários		
	Total					
	Total		Homens	Mulheres	AMOSTRA	GÊNERO
Santa Catarina	4 307 161	%	2 142 129	2 143 822	98	49
Total da Região	151 854		76 411	75 144		
SDR Itapiranga	36 436		18 620	17 776	22	11
Iporã do Oeste	8 091	22%	4 092	3 982	40	20
Itapiranga	15 238	42%	7 759	7 466	8	4
Santa Helena	2 437	7%	1 246	1 185	16	8
São João do Oeste	6 020	17%	3 094	2 922	12	6
Tunápolis	4 650	13%	2 429	2 221		
SDR São Miguel do Oeste	65 083		32 414	32 475	170	85
Bandeirante	3 028	5%	1 554	1 402	8	4
Barra Bonita	2 064	3%	1 072	984	6	3
Belmonte	2 681	4%	1 380	1 301	8	4
Descanso	8 705	13%	4 365	4 323	22	11
Guaraciaba	10 604	16%	5 350	5 209	28	14
Paraíso	4 195	6%	2 156	2 003	12	6
São Miguel do Oeste	33 806	52%	16 537	17 253	86	43
SDR Dionísio Cerqueira	50 335		25 377	24 893	132	66
Anchieta	6 587	13%	3 325	3 240	18	9
Dionísio Cerqueira	14 792	29%	7 409	7 340	38	19
Guarujá do Sul	4 711	9%	2 331	2 380	12	6
Palma Sola	7 942	16%	4 070	3 872	20	10
Princesa	2 604	5%	1 339	1 265	8	4
São José do Cedro	13 699	27%	6 903	6 796	36	18

Fonte: Dados compilados pela autora a partir das informações obtidas no IBGE (2009).

A obtenção do número de questionários que deveriam ser aplicados foi definida levando-se em consideração uma população finita de 151.854 habitantes. A confiança desejada para essa pesquisa foi de 95% e o erro amostral considerado foi de 0,05%. A amostra resultante foi de 385 participantes. Esse resultado foi arredondado para uma amostra de 400 questionários.

Optou-se por arredondar a amostra para 400 questionários distribuídos nos municípios de acordo com os dados do IBGE no que tange ao número de habitantes, gênero, local de moradia, renda e escolaridade. No entanto, com o intuito de garantir a confiabilidade do instrumento, foram distribuídos 530 questionários, dos quais retornaram 512 e foram considerados válidos 499.

RESULTADOS

A análise dos resultados está dividida em análise fatorial e regressão linear (realizadas por nível de análise – micro, macro e meso).

ANÁLISE FATORIAL

Por análise fatorial entende-se como a técnica utilizada para “sintetizar as informações de um grande número de variáveis em um número bem menor de variáveis e fatores” (HAIR *et al.*, 2007, p. 321). As respostas da amostra foram submetidas à análise fatorial do tipo PCA (Principal Component Analysis), com rotação *varimax* e tratamento *pairwise*. Para Hair *et al.* (2007) e Pestana e Gageiro (2000), a Medida de Adequacidade da Amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) deve ser igual ou superior 0,80.

Para verificar a medida de consistência interna de escalas de múltiplos itens, utiliza-se o Alfa de Cronbach (PESTANA; GAGEIRO, 2000). De acordo com Hair *et al.* (2007), os valores do Alfa de Cronbach aceitáveis devem variar de 0,70 a 1,00. Para Malhotra (2007), o Alfa considerado apropriado para as pesquisas exploratórias das ciências sociais deve ser superior a 0,5. Valores abaixo de 0,5 significam que pode ser inadequada a análise fatorial.

O Alfa encontrado na análise fatorial de todo o instrumento de pesquisa aplicado nos municípios das 3 SDRs da fronteira Oeste de Santa Catarina resultou num valor considerado aceitável pela bibliografia estudada: 0,766 para os 63 itens. Esse resultado demonstra haver consistência interna no instrumento.

Em seguida, foram rodados os fatoriais dos níveis de capital social analisados no instrumento: micro, meso e macro.

Capital social ao nível micro

Os resultados encontrados na análise fatorial do nível micro do capital social estão descritos a seguir. A Medida de Adequacidade da Amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) apresenta valores normalizados (entre 0 e 1,0) e mostra qual é a proporção da variância que as variáveis (questões do instrumento utilizado) apresentam em comum ou a proporção destas que são devidas a fatores comuns (HAIR *et al.*, 2007). No capital social ao nível micro o KMO (0,653), ficou abaixo do valor considerado satisfatório pelos pesquisadores (0,80), porém pode ser considerado razoável, uma vez que está entre 0,6 e 0,7 (conforme Tabela 2).

Nas Ciências Sociais, o KMO é passível de análise quando apresenta valor superior a 0,50 e significância $p < 0,05$. Como no fatorial do nível micro o valor da significância foi $p = 0,000$, pode-se afirmar que ocorre correlação entre as variáveis, uma vez que há dependência entre elas. O total da variância é explicada com 3 fatores que representam

31,72% do capital social ao nível micro. Destaca-se que os valores do Alfa dos fatores no nível micro estão abaixo do valor considerado ideal pela bibliografia, no entanto são considerados válidos devido ao caráter exploratório da pesquisa.

Tabela 2: Fatores, Alfa de Cronbach, variáveis, correlação e médias do nível micro do capital social

Fator	Alpha de Cronbach	Variável	Correlação	Média
1 – Bonding	0,505	7 - Cuido de minha família, pois posso precisar dela	0,351	4,47
		6 - Os mais jovens se aconselham com os mais velhos	0,256	3,02
		10 - Ajuda de amigos para tomar decisões importantes	0,248	4,10
		17 - Ajudo amigos, pois posso precisar deles	0,386	4,64
2 – Linking	0,547	9 - Eu faço doações a quem precisa	0,288	3,61
		15 - Reunir a família nas refeições	0,130	3,98
		18 - Faço trabalhos voluntários	0,439	3,36
		2 - Ficar com a família	0,290	4,30
3 – Bridging	0,407	16 - Estabelecimentos que vendem na caderneta	0,018	4,31
		14 - Amigos de diferentes classes sociais	0,087	4,59
		4 - Comentam quando faz algo errado	-0,021	4,18
		13 - Não envergonhar a cidade	0,252	3,74
		1 - Contato com amigos	0,097	4,40
		12 - Deixar as chaves com vizinhos	0,239	2,90
		11 - Os vizinhos têm obrigação de ajudar uns aos outros	0,383	3,03
		3 - Contar com ajuda da família	0,213	4,69

Fonte: Dados primários.

O primeiro fator analisado **Bonding Social Capital** é constituído pelas variáveis que se reportam ao relacionamento nos grupos familiar e de amigos. Nessa análise, o Alfa resultou no valor de 0,505 para os 4 itens do instrumento. O valor das correlações pode ser considerado alto, principalmente no que diz respeito ao cuidado e à ajuda para com familiares e amigos.

Optou-se, nessa pesquisa, por mostrar a correlação do item dentro do fator, em vez da carga do fator, pois, para obter a solução final, as variáveis de fatores que

continham apenas 1 ou 2 elementos foram agrupadas em fatores mais robustos, considerando a melhoria no valor do Alpha de Cronbach.

Os elementos que compõem esse tipo de capital social são: ajudar família, amigos; receber ajuda de amigos; e pedir conselhos aos mais velhos. Este foi o fator mais forte na explicação do capital social em nível micro.

Esse resultado pode ser explicado pelas características culturais da região estudada. Os municípios da região da fronteira oeste de Santa Catarina foram colonizados por imigrantes do Rio Grande do Sul a partir da década de 1920. As famílias colonizadoras valorizavam e preservavam as relações familiares e o respeito aos mais velhos, que são pessoas com maior experiência de vida e capazes de auxiliar e aconselhar os mais novos em suas atividades e decisões. As variáveis da pesquisa demonstram essa realidade também para as gerações mais novas, sendo uma prática ainda nos dias de hoje (SEHNEM, 2009).

O segundo fator analisado, o **Linking social capital**, resultou num Alfa de 0,547 também para 4 itens. A correlação com valor mais alto nesse fator foi encontrada na variável que demonstra a realização de trabalhos voluntários. No entanto, essa variável obteve a menor média, destacando que a variável é significativa para entender o capital social e que na região analisada existe uma falta desta variável (o que indica baixo capital social). Reunir-se com a família nas refeições apresentou a menor correlação do fator.

O capital social do tipo *bridging* constitui o terceiro fator de análise. Com Alfa de 0,407, o **Bridging Social Capital** resultou em 8 variáveis representativas. Dessas variáveis, quatro possuem correlação mais alta, acima de 0,200. Três variáveis apresentaram correlação baixa, próximo a zero, e a variável "comentam quando faz algo errado" que apresentou correlação negativa. Essas variáveis, no entanto, apresentaram médias altas, demonstrando que é alta a existência dessas variáveis na região analisada.

A menor média foi encontrada na variável "no meu bairro, quando alguém viaja, costuma deixar as chaves da casa com algum vizinho", variável que evidencia a confiança existente entre os vizinhos da região.

Essas variáveis destacam também que no grupo pesquisado as pessoas possuem amigos de diferentes classes sociais, há a prática de comprar na caderneta em mercados locais, as pessoas comentam quando alguém faz algo de errado, há a preocupação em não envergonhar a cidade onde moram. Esses elementos destacam a existência de normas e sanções implícitas nos grupos. Essas normas explicitam as tradições, os valores e as crenças existentes nos grupos e que são seguidos pelos seus membros de maneira a manter boas relações e facilitar a cooperação dentro e entre os grupos.

O fato de tratar-se de municípios pequenos (que contribui para que o capital social do tipo *bonding* apresentasse maior força que o tipo *bridging*), cujas pessoas se conhecem e vivem na mesma cidade há anos, propicia o surgimento e a valorização

das normas. Essas características dos grupos fazem com que o cumprimento dessas normas seja observado e controlado pelos membros do grupo que se sentem responsáveis e zelam uns pelos outros, reproduzindo a prática conhecida como “olhos na rua” (FUKUYAMA, 2000).

O *bridging social capital* tem efeitos positivos sobre a difusão das informações e da confiança, promovendo as operações e a atividade econômica. A confiança pode ser conceituada como um sentimento de expectativa positiva e a crença de que um indivíduo vai se comportar de uma forma benéfica (ROUSSEAU *et al.*, 1998; CAROLIS; SAPARITO, 2006). A confiança surge a partir de repetidas interações entre os indivíduos ao longo do tempo e é baseada na contínua reciprocidade, ou seja, na noção de que “eu vou fazer isso para você agora porque sei que você vai fazer alguma coisa para mim mais tarde” (ADLER; KWON, 2002; NAHAPIET; GHOSHAL, 1998; CAROLIS; SAPARITO, 2006; ROUSSEAU *et al.*, 1998).

Capital social ao nível meso

A rotação dos dados para o nível meso destacou um valor para o KMO de 0,752. Esse valor indica qual é o grau de suscetibilidade ou o ajuste dos dados à análise fatorial, isto é, qual é o nível de confiança que se pode esperar dos dados quando do seu tratamento pelo método multivariado de análise fatorial for empregada com sucesso (HAIR *et al.*, 2007). No grau de ajuste à análise fatorial, o valor do KMO é considerado médio, sendo que se enquadra no intervalo de 0,7 a 0,8. Nessa rodada, tem-se que 4 fatores explicam 42,057% do capital social ao nível meso.

Tabela 3: Fatores, Alfa de Cronbach, variáveis e médias do nível meso do capital social

Fator	Alpha de Cronbach	Variável	Correlação	Média
1 – Bridging	0,648	33 - As pessoas costumam se ajudar	0,441	3,69
		32 - Pessoas respeitam-se umas às outras	0,314	3,50
		24 - Meus colegas de trabalho são também meus amigos	0,241	4,42
		31 - Pessoas mais ricas ajudam mais pobres	0,364	2,65
		36 - A maioria das pessoas faz parte de algum clube ou associação	0,289	3,66
		23 - Os pais e avós se esforçam para influenciar filhos e netos	0,363	3,91
		34 - Atitudes fazem a diferença onde moro	0,303	3,88
		38 - As pessoas trabalham como voluntárias	0,195	3,25
		27 - Chamar a atenção de quem joga lixo no chão	0,263	2,85

2 – Linking	0,624	30 - Gangues picham e destroem locais públicos	0,084	1,75
		26 - Não existem punições para arruaceiros	0,056	1,87
		37 - Os bandidos andam à solta	0,103	1,87
		35 - Os motoristas não se preocupam em respeitar o trânsito	0,110	2,02
		25 - Os moradores de um bairro não se misturam com os de outro	0,053	1,66
		28 - Não é seguro sair à noite	0,019	1,72
3 – Bonding	0,485	29 - Pessoas não aceitam costumes de fora	0,136	2,10
		39 - Ricos e pobres não se misturam	0,015	1,87
		22 - Pessoas de fora não entendem os costumes	0,032	2,09

Fonte: Dados primários.

O primeiro fator da análise do capital social ao nível meso resultou em 9 variáveis. O **Bridging Social Capital** reflete as relações existentes entre os diferentes grupos no âmbito da comunidade. As correlações desse fator apresentaram valores acima de zero, sendo os mais elevados referentes às variáveis “as pessoas costumam se ajudar”, “pessoas mais ricas ajudam mais pobres”, “os pais e avós se esforçam para influenciar filhos e netos”, “pessoas respeitam-se umas às outras” e “atitudes fazem a diferença onde moro”.

A maior média nesse grupo (e também do nível meso) é da variável que considera “os colegas de trabalho também amigos”, destacando uma característica da região na qual há o estabelecimento de relações entre os diferentes grupos em que o indivíduo está inserido. As menores médias foram observadas em variáveis que destacam o relacionamento entre as pessoas de diferentes faixas de renda “pessoas mais ricas ajudam as mais pobres”, assim como no cuidado com a limpeza da comunidade “chamar a atenção de quem joga lixo no chão” (variável que obteve o maior índice de concordância entre os respondentes). Esses resultados demonstram a necessidade de maior fortalecimento desses aspectos na vida em comunidade na região estudada.

A presença desse fator como o mais forte na explicação do nível de capital social das três SDRs da região Extremo Oeste catarinense demonstra que, no nível meso, as pessoas dessa região demonstram maior abertura para se relacionar com pessoas que não fazem parte do seu grupo familiar. O envolvimento com colegas de trabalho e de escola, assim como a participação em associações, clubes, cooperativas, também colabora no fortalecimento das “pontes” que ligam os diferentes grupos sociais.

No que diz respeito ao cooperativismo, destaca-se que na região está instalada (e ainda em funcionamento) a mais antiga cooperativa de crédito do Estado de

Santa Catarina. A Creditapiranga (atualmente Sicoob Creditapiranga) foi fundada em 1932 com o intuito de auxiliar no processo de colonização. Essa cooperativa foi fundada quando ainda não existia luz elétrica na região, que chegou em 1958.

No estado de Santa Catarina, de acordo com a OCESC (2010), em dezembro de 2009 estavam em funcionamento, nos 297 municípios do Estado, 255 cooperativas, que contavam com a participação de 858.671 cooperados e 29.924 empregados. No ano de 2009, existiam no Brasil cooperativas e associações nos diferentes ramos de atividade. Nos anos de 2008 e 2009, observou-se uma diminuição de 5,48% no número de cooperativas no Brasil.

No Brasil, de acordo com dados da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), nas 27 unidades federativas existem 7.261 cooperativas. Essas cooperativas possuem 6.791 milhões de associados e geram 199.680 empregos. As cooperativas são responsáveis por 6% do PIB nacional (GESTÃO COOPERATIVA, 2010). No Estado de Santa Catarina registra-se uma proporcionalidade de 28,47 habitantes por cooperativa existente. Esse valor configura o Estado de Santa com um indicador positivo, uma vez que no Brasil tem-se que existem 26.268 habitantes por cooperativa.

O segundo fator, **Linking Social Capital**, resultou em seis variáveis, sendo que duas demonstraram valores superiores a 0,1 (os motoristas não se preocupam em respeitar o trânsito e os bandidos andam à solta).

As variáveis desse fator refletiram as médias mais baixas nesse nível do capital social, aspecto que representa um indício de presença de estoques de capital social nas comunidades estudadas. Observa-se que as variáveis do *linking social capital* dizem respeito à sensação de segurança na cidade, respeito para com os bens públicos e no trânsito e também a integração entre as pessoas de diferentes comunidades.

Os elementos que compõem as variáveis desse fator foram: a percepção de que as gangues destroem o patrimônio das cidades, a sensação de que não existem punições aos arruaceiros e de que os bandidos andam à solta, os motoristas não respeitam o trânsito e não é seguro sair à noite. Como as médias desse fator obtiveram valores baixos, percebe-se que há discordância dos respondentes a essas afirmações, destacando que esse tipo de capital social está com altos índices.

Os registros da Secretaria de Segurança Pública Catarinense (2010), em dados dos anos de 2004 a 2008/01, demonstram que houve, no ano de 2007, um aumento no número de ocorrências atendidas pelas polícias Civil e Militar no Estado. Tem-se que 15,72% das ocorrências registradas pelas Polícias Civil e Militar foram na região Oeste de Santa Catarina, que possui como referência as cidades de Concórdia, Chapecó e São Miguel do Oeste. Esses resultados apontam que a região Oeste está numa posição mediana nos índices de criminalidade do Estado de Santa Catarina. Não está situada entre as mais violentas, assim como não se configura dentre as mais seguras, fato que justifica a sensação de segurança dos habitantes da região.

Os dados dizem respeito aos registros de Homicídio Doloso; Suicídio; Roubo (diversos); Roubo a Banco; Estupro; Furto (diversos); Furto de Veículos; Furto em Residência; Furto em Estabelecimento Comercial; Acidente de Trânsito com Morte; Acidente de Trânsito com Lesão Corporal; Acidente de Trânsito com Danos Materiais; Latrocínio.

O **Bonding Social Capital** é o terceiro fator do nível meso do capital social analisado na pesquisa e resultou em 3 variáveis. Destaca-se que o valor do Alfa desse fator está abaixo do valor mínimo sugerido por Malhotra (2007), mesmo assim, ficou próximo de 0,50.

A correlação das variáveis do fator apresentou maior valor para “pessoas não aceitam costumes de fora”, demonstrando relacionamento entre as variáveis desse tipo de capital social. Como as variáveis encontradas nesse fator são negativas, as médias baixas representam a discordância dos respondentes para as frases apresentadas. Com isso, pode-se considerar que as pessoas de fora aceitam e respeitam os costumes da comunidade, assim como há integração entre pessoas de diferentes classes sociais (*ricos e pobres não se misturam*). Visualiza-se, assim, que os aspectos do capital social do tipo *bonding*, que se caracteriza pelos laços fortes existentes entre os grupos que partilham valores semelhantes, estão fortalecidos na região.

Observa-se que as variáveis que se destacaram nesse fator são diferentes das variáveis obtidas nesse mesmo tipo de capital social no nível micro. No nível micro, as variáveis direcionavam-se para a ajuda e para a cooperação nas relações familiares e com os amigos. No nível meso, as variáveis dizem que os costumes de fora não são aceitos, as pessoas não entendem os costumes dos outros, ricos e pobres não se misturam. A baixa média dos respondentes para essas variáveis enfatiza a discordância (total ou em parte) da frase.

Pelos resultados obtidos na pesquisa, observa-se que, apesar de haver diferentes grupos étnicos constituindo a população da região, não se observam diferenças nos relacionamentos que se estabelecem entre os grupos. As etnias que colonizaram são predominantemente formadas por gaúchos, alemães e italianos. Essa característica pode ter considerável influência no modo de se relacionar com pessoas de outros grupos étnicos, uma vez que os grupos, ao migrarem para a região Extremo Oeste Catarinense, encontraram dificuldades e obstáculos que precisavam ser superados para a sua sobrevivência. Essas dificuldades podem fortalecer o sentimento de solidariedade para com as diferentes etnias (SEBRAE, 2010).

Webb (2008), Sarate e Macke (2007) e Carolis e Saporito (2006) alertam que esse tipo de capital social propicia o isolamento dos grupos quando são construídas normas e identidade própria, aspectos que desenvolvem a confiança entre os membros do grupo e um código de linguagem particular, situação não observada na região em estudo. Se os grupos se “fecham”, surgem as dificuldades no relacionamento e na cooperação com pessoas de fora dos limites do seu grupo.

Capital social ao nível macro

O KMO para os dados rodados no nível macro do capital social resultou no menor valor para as análises fatoriais realizadas na pesquisa (0,643), no entanto, como o valor da significância $p=0,000$, considera-se que as variáveis são correlacionadas.

Tabela 4: Fatores, Alfa de Cronbach, variáveis e médias do nível macro do capital social

Fator	Alpha de Cronbach	Variável	Correlação	Média
1 – Bridging	0,564	47 - Muitos países querem aprender com o Brasil	0,256	3,62
		50 - No Brasil, as pessoas são honestas	0,256	3,05
		56 - Quem mora no Brasil aprende a respeitar todas as raças	0,289	3,23
		58 - Sinto orgulho de ser brasileiro	0,294	4,32
		49 - Um país tem o direito de opinar nos assuntos de outros	0,218	2,80
		45 - Brasil deve ajudar vítimas de outros países	0,301	3,95
		59 - O governo deve privilegiar as empresas brasileiras em negócios com outros países	0,127	4,03
		60 - Costumo fazer doações em campanhas nacionais de arrecadações	0,360	2,57
2 – Bonding	0,505	46 - Já me senti discriminado por causa de minha raça	0,003	1,56
		51 - O Brasil não deveria se envolver em assuntos de outros países	0,154	2,02
		54 - O Brasil não deve se preocupar em apaziguar conflitos em outros países	0,046	2,00
		55 - No Brasil não é tão bom de se viver por causa da desigualdade social	-0,012	2,00
3 – Linking	0,429	48 - Leis brasileiras não são respeitadas	0,007	1,95
		52 - Eu não confio na justiça brasileira	0,135	2,03
		57 - No Brasil, só os pobres vão para a cadeia	0,149	1,83

Fonte: Dados primários.

O primeiro fator analisado no nível macro do capital social foi o **Bridging Social Capital**. Esse fator resultou em 8 variáveis representativas que enfatizam as relações que se estabelecem entre o Brasil e outras nações, assim como as percepções de honestidade e solidariedade entre os brasileiros.

A correlação nesse fator demonstrou a existência de relacionamento entre as variáveis. A variável com a mais baixa correlação obteve uma das mais altas médias

“o governo deve privilegiar as empresas brasileiras em negócios com outros países”, enfatizando a presença desse capital social na região.

Neste fator, reuniram-se variáveis que tratam do comportamento do brasileiro. Pode-se considerar que este fator ficou como o mais forte na explicação do capital social macro por ressaltar a preocupação e a percepção do “outro” na sociedade. A sensibilização para com as pessoas mais necessitadas demonstra a solidariedade para com os membros de outros grupos sociais, demonstrado na variável “costumo fazer doações em campanhas nacionais de arrecadações”. Essa variável obteve uma correlação alta. No entanto, na região analisada essa variável obteve a média mais baixa (baixo capital social nessa região).

No segundo fator de análise, **Bonding Social Capital**, destacam-se três variáveis com relação ao envolvimento e à preocupação para com as condições dos outros países (“o Brasil não deveria se envolver em assuntos de outros países” e “o Brasil não deve se preocupar em apaziguar conflitos em outros países”). Como as médias dessas variáveis são baixas, os resultados encontrados pela pesquisa refletem a discordância dos respondentes para com as frases apresentadas no instrumento de coleta de dados. Assim, evidencia-se a sensação dos participantes de que, apesar das desigualdades, o país continua sendo um lugar bom para viver. Há também a afirmação de que as pessoas não se sentem discriminadas por causa da sua raça.

Para Woolcock (2001), grandes estoques do capital social do tipo *bonding*, pouco do tipo *bridging* e quase nenhum do tipo *linking* são encontrados em regiões atrasadas, cuja fluidez social em sentido vertical é dificultada. Para Putnam (2000), se a distinção entre os tipos de capital social é nítida analiticamente, empiricamente essa fronteira não é tão clara. O autor traz o exemplo das reuniões de oração, realizadas semanalmente por algumas igrejas. Nessas reuniões estão engajadas pessoas que partilham da mesma fé, representando o capital social do tipo *bonding*. Ao mesmo tempo estão reunidas pessoas de distintas classes sociais, transcendendo as diferenças de *status*, característica própria do capital social do tipo *bridging*.

Neste fator entraram variáveis que mostram as diferenças sociais no Brasil, a exemplo das variáveis “o Brasil não deve se preocupar com outros países”, “não é um lugar bom pra viver por causa da desigualdade”, “existe discriminação racial”. Observa-se que houve menos consenso na variável que afirma não ser o “Brasil um lugar bom pra viver por causa da desigualdade”. A discriminação racial também foi um aspecto que teve um comportamento diferenciado, obtendo a menor média do nível macro (essa média baixa representa a concordância dos respondentes para essa afirmação). No entanto, destaca-se que não há sensação de discriminação por parte dos respondentes da pesquisa.

O **Linking Social Capital** foi o terceiro fator analisado ao nível macro do capital social. Esse tipo resultou em três variáveis que reportam à percepção de justiça dos participantes da pesquisa.

Nesse nível obteve-se o maior índice de concordância entre os respondentes na variável que afirma que “No Brasil só os pobres vão para a cadeia”. Em contrapartida, essa variável obteve o maior valor para a correlação, demonstrando possuir grande importância nesse nível.

As demais variáveis desse nível refletiram a segurança e a satisfação da população com relação à justiça brasileira, discordando das afirmativas de que a legislação não é respeitada e a desconfiança quanto à justiça do país. Os indicadores de criminalidade da região apresentaram valores que colocam a região Oeste do Estado de Santa Catarina num nível intermediário, não estando entre as mais violentas e nem entre as com menor registro de criminalidade (SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2010).

ANÁLISE DA REGRESSÃO LINEAR

A Análise de Regressão, para Hair *et al.* (2007), talvez seja a técnica de análise de dados mais utilizada para a mensuração de relações lineares entre duas ou mais variáveis, bem como a força dessa relação. Essa análise é caracterizada como um “processo estatístico para analisar relações associativas entre uma variável dependente métrica e uma ou mais variáveis independentes” (MALHOTRA, 2007, p. 497).

A técnica da regressão linear foi utilizada para analisar a relação das variáveis com os níveis de capital social analisados na pesquisa: micro, meso e macro.

Tabela 5: Regressão no nível micro

Nível Micro	R	R ²	R ² ajustado	Estimativa de erro do desvio
1	0,354 ^a	0,125	0,123	0,53618
2	0,394 ^b	0,155	0,152	0,52729
3	0,415 ^c	0,172	0,167	0,52259

a. Previsão: (Constante), Micro *Linking*

b. Previsão: (Constante), Micro *Linking*, Micro *Bonding*

c. Previsão: (Constante), Micro *Linking*, Micro *Bonding*, Micro *Bridging*

Fonte: Dados primários.

Observa-se que o capital social relacionado ao nível micro é explicado por 16,7% do modelo. Nessa análise, os resultados demonstram ser um modelo crescente, positivo e com variáveis diretamente proporcionais, ou seja, quando aumenta o capital social do tipo *bridging* (por exemplo), os demais tipos de capital social também apresentam aumento.

No entanto o que chamou a atenção por se mostrar um resultado inesperado no nível micro foi o fato de ser o *Linking Social Capital* o primeiro tipo de capital social a aparecer no modelo. Esse tipo explica 12,3% do capital social nesse nível.

Esperava-se que ao nível micro o tipo que mais se destacasse fosse o *Bonding*, uma vez que se refere às relações estabelecidas entre grupos de amigos e familiares. No entanto, o destaque obtido pelo tipo *Linking* pode ser entendido pelas relações hierárquicas que se estabeleceram/estabelecem entre pais e filhos, resultando num distanciamento e numa maior formalidade nos relacionamentos. Essas características podem ser observadas nas pessoas de origem europeia, que prezam pelo trabalho e religiosidade, evitando demonstrações de afeto (EIDT, 2009).

Tabela 6: Regressão no nível meso

Nível Meso	R	R ²	R ² ajustado	Estimativa de erro do desvio
1	0,407 ^d	0,166	0,164	0,46007

a. Previsão: (Constante), Meso *Bridging*

Fonte: Dados primários.

Na análise de regressão do nível meso somente o tipo *Bridging* entrou no modelo. Isso significa que somente esse fator é significativo para explicar as variações do capital social no nível meso em 16,4%. Com esse resultado, entende-se que na região analisada as relações se estabelecem entre diferentes grupos, promovendo maior tolerância nos ambientes de trabalho, estudos, comunidade.

Para Monastério (2002), esse tipo de capital social possibilita que as informações acerca do comportamento dos agentes e as oportunidades fluam com maior facilidade. A região mostra-se fluida e integrada, cujas diferenças sociais são minimizadas, uma vez que pobres e ricos confiam uns nos outros, compartilhando informações.

Tabela 7: Regressão no nível macro

Nível Macro	R	R ²	R ² ajustado	Estimativa de erro do desvio
1	0,385 ^e	0,148	0,146	0,45016
2	,457 ^f	0,209	0,206	0,43413
3	,464 ^g	0,216	0,211	0,43279

a. Previsão: (Constante), Macro *Bridging*

b. Previsão: (Constante), Macro *Bridging*, Macro *Linking*

c. Previsão: (Constante), Macro *Bridging*, Macro *Linking*, Macro *Bonding*

Fonte: Dados primários.

Resultado semelhante pode ser observado no nível macro, cuja regressão explica 21,1% do modelo desenvolvido. Nesse nível, o primeiro tipo de capital social que apareceu no modelo foi o *Bridging* (explicando 14,6%), seguido do tipo *Linking* (que acrescentou 6% de explicação ao modelo). Espera-se que esses dois tipos de capital social apareçam juntos, uma vez que representam os relacionamentos entre diferentes grupos sociais e em níveis hierárquicos.

Os resultados desse nível são observados nas sociedades em que a confiança é mais geral. As sociedades que possuem os tipos *bridging* e *linking* do capital social têm como reflexo melhorias da qualidade das políticas públicas (MONASTÉRIO, 2002). Para Putnam, Leonadi e Nanetti (1993), o capital social do tipo *bridging* e *bonding* promovem o tipo *linking*. "As virtudes cívicas desenvolvidas pela sociedade fariam com que os cidadãos demandassem uma melhor atuação estatal" (MONASTÉRIO, 2002, p. 49).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mensuração do capital social é uma prática delicada e que é objeto de estudo de vários estudiosos. A disponibilidade dos dados é limitada (assim como sua obtenção) e a sua interpretação exige cautela. Os dados quantitativos precisam ser interpretados sob a luz de outras fontes, estudos de caso, a fim de que seus resultados possam ser compreendidos.

Os resultados da análise desse objetivo refletiram, no que diz respeito aos níveis do capital social na região, que os laços fortes estão mais presentes na SDR de Itapiranga (micro *bonding*), assim como há maior estoque o capital social do tipo meso *bridging*, que remete ao associativismo.

Na SDR de Dionísio Cerqueira, o voluntariado mostra-se como uma característica bastante presente (micro *linking*), além das normas e das sanções, especificidade presente nas regiões de fronteira (micro *bridging*). Na SDR de São Miguel do Oeste, observou-se que há menor tolerância à diversidade (macro *bridging*).

Na Figura 3 é possível verificar os níveis de capital social analisados do ponto de vista dos fatores.

Figura 3: Níveis do capital social e fatores

	<i>Bonding</i>	<i>Bridging</i>	<i>Linking</i>
Micro	SDR Tempo de bairro Idade Residência Emprego Vínculo com a cidade	SDR Tempo de bairro	SDR Gênero Filhos Residência Emprego Vínculo com a cidade Expectativa

Meso	Escolaridade Emprego Vínculo com a cidade Expectativa	SDR Filhos Emprego Expectativa	Gênero Residência Emprego
Macro	Renda Expectativa	SDR Idade Residência Emprego	

Fonte: Elaboração própria.

Observou-se, com base nos resultados da pesquisa, que as regiões com maiores estoques de capital social estão, ao mesmo tempo, melhorando seus indicadores socioeconômicos. Para tanto, foi realizada a análise comparativa entre as 3 SDRs e, em seguida, foram explicadas as diferenças encontradas por meio do desempenho de cada SDR.

A abordagem do capital social relacionado com o desenvolvimento regional demonstrou ser esse conceito passível de discussão interdisciplinar. Essa teoria permite inferir que o futuro de seus estudos seja otimista, uma vez que há muito para ser explorado e explicado. Aspecto interessante de ser ressaltado é a possibilidade que esse conceito propicia ao diálogo com diferentes linhas teóricas, permitindo uma compreensão sistêmica da realidade, aspecto que seria prejudicado em caso de estudos isolados.

O presente trabalho pretendeu operar no sentido de levar ao meio acadêmico o estudo de questões empíricas observadas na região da fronteira oeste do Estado de Santa Catarina. A relação entre as áreas administrativa, sociológica, histórica, presentes nesse estudo, mostrou-se como forma de superar as barreiras disciplinares, promovendo um encontro de distintas pesquisas, característica central da teoria do capital social. Assim, a pesquisa teve singular papel de contribuir para a disseminação da teoria do capital social.

Putnam (2000) defende a tese de que, quanto maior o capital social e a cultura cívica dos indivíduos de dada região, tanto maior será também o seu desenvolvimento econômico. O entendimento dessa premissa do capital social e do desenvolvimento pelos gestores permite que suas ações converjam em resultados favoráveis e de bom grado à comunidade. Ações que estimulem a participação da população no debate e busca de soluções para problemas comuns promovem o engajamento cívico e a percepção de que a comunidade tem um papel fundamental nas questões administrativas. A promoção do engajamento cívico, os estímulos à solidariedade e às ações cooperativas são importantes princípios que devem ser valorizados e promovidos nas comunidades cívicas. Por isso pode-se afirmar que, numa comunidade cívica, há coesão social, harmonia política e bom governo.

Os municípios que fazem parte das três SDRs da fronteira Oeste catarinense demonstraram ter como características a organização em redes sociais informais e formais que resultaram em um importante estoque de capital social. Assim, pode-se afirmar que o capital social pode constituir em importante fator que coopera para o avanço econômico e social adquirido por uma comunidade, por uma região ou por uma nação.

A abordagem do capital social muito tem a contribuir para a compreensão do desenvolvimento das regiões. O conhecimento dessa teoria pelos administradores públicos pode caracterizar um ponto de partida para o planejamento de intervenções bem-sucedidas, tendo em vista o desenvolvimento regional. Da mesma forma o capital social pode evidenciar as políticas que devem ser evitadas, sob o risco de provocar um efeito não desejado. Assim, o capital social também pode “alertar para os riscos de que certas políticas contribuem para a destruição do capital social e consequente piora das condições de vida dos cidadãos” (MONASTÉRIO, 2002, p. 180).

Dessa forma, pode-se afirmar que devem ser fortalecidas todas as políticas que proporcionam um equilíbrio entre os 3 tipos de capital social: *bonding*, *bridging* e *linking*. Da mesma forma, devem ser evitadas aquelas políticas que promovem os desequilíbrios no capital social. Assim, são consideradas importantes as ações que promovem as atividades em grupos, inserindo as pessoas no contexto de discussão de ideias e manutenção da cultura e dos hábitos das comunidades, tais como grupos de idosos, grupos de mães, grupos de mulheres agricultoras, grupos de damas, grupos promovidos pelos clubes, a exemplo de grupos de jogos (bochas, baralho, bolão...), entre outras possibilidades. Interessante seria a promoção da integração entre os diferentes grupos, como, por exemplo, a transmissão de habilidades das pessoas dos grupos de idosos para grupos de estudantes e vice-versa. Com isso, há a possibilidade de preservação e manutenção das características culturais das comunidades, além da integração entre diferentes grupos.

Outra ação que poderia ser promovida nas comunidades seria a formação de associações nas comunidades e bairros. Essas associações teriam suas atividades focadas nos interesses locais, partindo das necessidades percebidas pelos próprios moradores, tais como preservação ambiental, recolha e seleção do lixo, reciclagem, cuidados com segurança, ornamentação e preservação dos espaços públicos...

Assim, considera-se, finalmente, baseado em Coleman (1990), que existem algumas relações sociais que favorecem a criação e o fortalecimento do capital social nas comunidades. A associação dos indivíduos propicia a formação de relações de confiança mútua que pode ser direcionada para a conquista de objetivos comuns. Um aspecto interessante apontado pelo autor é que o capital social, ao contrário de outras formas de capital, não se desgasta com o uso. Muito pelo contrário: se fortalece, tornando as relações mais duradouras quando continuamente ativadas. De maneira geral, pode-se afirmar que o fomento dessas relações, além de promover o capital social, poderá proporcionar também o desenvolvimento da região.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. In: **Economia Aplicada**, v.4, N. 2, 2000.
- ADLER, P; KWON, S. Social capital: Prospects for a new concept. **Academy of Management Review**. n. 27, p. 17-40, 2002.
- ALBAGLI, S; MACIEL, M. L. **Capital social e empreendedorismo local**: proposição de políticas para a promoção de sistemas produtivos locais de micro, pequenas e médias empresas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- ARAUJO, M. C. S. D'. **Capital Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BANDEIRA, P. S. As raízes históricas do declínio da região sul. In: ALONSO, J. A. F.; BENETTI, M. D; BANDEIRA, P. S. **Crescimento econômico da região sul do Rio Grande do Sul**: causas e perspectivas. Porto Alegre: FEE, 1994.
- CAROLIS, D. M. De; SAPARITO, P. Social Capital, Cognition, and Entrepreneurial Opportunities: A Theoretical Framework. **Entrepreneurship theory and practice**. p. 41-56, january 2006.
- COLEMAN, J. S. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, n. 94, p. 95-120, 1988.
- COLEMAN, James Samuel. **Foundations of social theory**. Harvard University Press, 1990.
- CRAWFORD, A. 'Fixing Broken Promises?': Neighbourhood Wardens and Social Capital. **Urban Studies**. v. 43, n. 5/6, p. 957-976, may. 2006.
- EIDT, P. **Os sinos se dobram por Alfredo**. Editora Argos, Unochapecó, 2009.
- FUKUYAMA, F. **A grande ruptura**: a natureza humana e a reconstituição da ordem social. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- GESTÃO COOPERATIVA. Disponível em: < <http://www.gestaocooperativa.com.br> >. Acesso em: 22 de dezembro de 2010.
- GRANOVETTER, M. S. Economic Action and Social Structure: the problem of embeddedness. **American Journal of Sociology**, v. 91, n. 3, p. 481-510, 1985.
- HAIR JR, J. F. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2007.
- HALPERN, David. **Social Capital**. Polity Press, 65 Bridge Street, Cambridge, UK, 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Síntese de indicadores sociais 2003**. Comunicação social. Abril de 2004. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/pdf/13042004sintese2003.pdf>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2009.
- KLIKSBERG, B. Capital social y cultura, claves esenciales del desarrollo. **Revista de La CEPAL** n. 69. Dic. 1999. p. 85-102.
- MACKE, J; SARATE, J. A. R; VALLEJOS, R. V. Collective competence and social capital: a proposal of a model for collaborative network analysis. In: CALLAOS, N; CHU, H; YINGLING, Y; ZINN, C. D. (Org.). The 2nd International Multi-conference on Engineering and Technological Innovation. Winter Garden: IIS (International Institute of Informatics and Systemics), 2009, v. 1, p. 306-311.

- MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.
- MILANI, C. **Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local**: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil). IV Conferência Regional ISTR-LAC. San José, 2003. Disponível em: <<http://www.adm.ufba.br/capitalsocial>>.
- MONASTÉRIO, L. M. **Capital social e a região Sul do Rio Grande do Sul**. Tese de doutorado em Desenvolvimento Econômico. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.
- MONASTERIO, L. M. Medindo capital social: uma análise das regiões do Rio Grande do Sul. In: CORREA, Silvio Marcus de Souza. **Capital social e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 61-84.
- NAHAPIET, J; GHOSHAL, S. Social capital, intellectual capital and the creation of value in firms. **Academy of Management Proceedings**. p. 35 – 39, 1997.
- NAHAPIET, Janine; GHOSHAL, Sumantra. Social capital, intellectual capital and the organizational advantage. **Academy of Management Review**, v. 23, n. 2, p. 242-266, 1998.
- ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DE SANTA CATARINA (OCESC). Disponível em: <<http://www.ocesc.org.br/>>. Acesso em: 28 de outubro de 2010.
- PASSEY, A; LYONS, M. Nonprofits and Social Capital measurement through organizational surveys. **Nonprofit Management & Leadership**. v. 16, n. 4, p. 481-495, summer. 2006.
- PESTANA, M.; GAGEIRO, J. **Análise de dados para ciências sociais**. Lisboa: Edições Sílabo, 2000.
- PUTNAM, R. **Bowling Alone**: The Collapse and Revival of American Community. Simon & Schuster, 2000.
- PUTNAM, R. D; LEONARDI, R; NANETTI, R. **Comunidade e democracia**: a experiência da Itália moderna. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- PUTNAM, R. D; LEONARDI, R; NANETTI, R. Y. **Making Democracy Work, civic traditions in modern Italy**. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- ROUSSEAU, D; SITKIN, S; BURT, R; CAMERER, C. Not so different after all: A cross-discipline view of trust. **Academy of Management Review**, v. 23, p. 393–404, 1998.
- SABATINI, F. Social Capital and the Quality of Economic Development. **Kyklos**. v. 61, n. 3, p. 466–499, 2008.
- SARATE, J. A. R; MACKE, J. Fatores explicativos do capital social em uma cidade da Serra Gaúcha: a percepção dos estudantes de Administração. **XXXI Encontro da ANPAD**, Rio de Janeiro, 22 a 26 de setembro de 2007.
- SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DE SANTA CATARINA. Disponível em: <www.ssp.sc.gov.br>. Acesso em: 27 de dezembro de 2010.
- SEHNEM, A. **Oktoberfest de Itapiranga**: 30 anos de História. São Miguel do Oeste, SC: McLee, 2009.
- SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DE SANTA CATARINA – SEBRAE. **Santa Catarina em Números**: Extremo Oeste. Florianópolis, Sebrae/SC, 2010.

VALE, G. M. V; AMÂNCIO, R; LAURIA, M. C. P. Capital Social e suas Implicações para o Estudo das Organizações. **O&S**, v. 13, n. 36, p. 45 – 63, jan.mar., 2006.

VERSCHOORE FILHO, J. R. de S. **Metade Sul**: uma análise das políticas públicas para o desenvolvimento regional no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2000. Tese (Mestrado em Administração Pública) - UFRGS.

WEBB, C. Measuring social capital and knowledge networks. **Journal of knowledge management**. Vol. 12, nº 5, 2008, p. 65-78.

WOOLCOCK, M. **La importancia del capital social para comprender los resultados económicos y sociales**. Development Research Group. The World Bank. 2001.